

# COMBATE AO VÍCIO

- Artigo de Opinião -

**Antônio de Oliveira**

Técnico em assuntos educacionais há 30 anos.

Coordenador da equipa da Consultoria Acadêmico-Educacional - CAED ([www.caed.inf.br](http://www.caed.inf.br))

[isaco@terra.com.br](mailto:isaco@terra.com.br)



O vício, à semelhança da virtude, é um hábito. Só que, ao contrário da virtude, caracteriza uma disposição estável para a prática de algum “mal”. Assim, por exemplo, fumar é um vício, caracterizado pelo hábito de fumar, considerado prejudicial à saúde.

Ambos, virtude e vício, são em parte inatos e adquiridos. Inatos, enquanto encontram em nós uma predisposição, às vezes até genética ou hereditária, seja para a prática do bem seja para a prática do mal. Adquiridos, uma vez que se desenvolvem, a virtude, em decorrência de muito esforço; o vício, que também cria raízes profundas e até dependência física, por concessões nossas e influências externas ou do ambiente.

Uma vez instalado e disseminado o vício, em geral se tenta combatê-lo. Assim também, por exemplo, com relação ao cigarro, há hoje em dia inúmeras campanhas antitabagistas, de caráter paliativo, pois, sem dúvida, é sempre melhor nem contrair vícios. Prevenir ainda é o melhor remédio: “difficulter reciduntur vitia, quae nobiscum creverunt” (Sêneca, De ira, II, 18). Dificilmente desaparecerão os vícios que cresceram conosco...

O que interessa aqui é a pedagogia no combate ao vício, ou, de modo geral, ao erro, seja sob a conotação de crime (“serial killer”, pistoleiro profissional, capangas, ambiente de corrupção, etc.), dependência ou pecado. Trata-se de apelar, coerente e persuasivamente, para a capacidade de lidar com sentimentos de ira, ansiedade, depressão, como o fazem, há décadas, os Alcoólicos Anônimos e outros grupos de recuperação. De modo geral, parece que a pedagogia não tem inspirado renovações metodológicas significativas de combate ao vício. Um programa de televisão, por sinal muito bem feito, de combate à violência, foi seguido, na programação, justamente de um filme de extrema violência. Daqueles em que mocinhos e bandidos dão tiros com metralhadoras que estraçalham as pessoas e fazem jorrar sangue para todo lado. Ao mesmo tempo que o Ministério da Saúde adverte sobre os riscos do fumar, os cofres públicos se locupletam em impostos provenientes da Souza Cruz e outras, e os meios de comunicação faturam com propagandas do maravilhoso mundo de Marlboro: “Come to Marlboro Country!”. O jogo do bicho, clandestino (mas nem tanto), é proibido. Outros jogos, similares, fazem a festa da

arrecadação. Nos Estados Unidos, fabricantes de cigarros se previnem contra processos de indenização. Mas, pensando bem, muitos outros produtos, propagandas, anúncios e cenas de televisão seriam passíveis também de indenização. Se cada um de nós tivesse que indenizar pelos maus exemplos, então...

No dia 31 de maio de 1997, no Hospital Português do Recife, aos 98 anos faleceu o frade Damiano de Bozzano, o Frei Damião, que viveu no nordeste brasileiro de 1931 até sua morte. Para muitos nordestinos, principalmente, Frei Damião é um santo e faz milagres.

Segundo Frei Damião, o pecado seria castigado com o fogo do inferno. Em outras palavras, se você pecar, ou continuar pecando, “vai para o inferno de cabeça para baixo”. Sem dúvida, um tom ameaçador e apocalíptico, tanto que alguns segmentos, pelo menos, da própria Igreja Católica lhe faziam restrições. Apesar disso, Frei Damião era usado por alguns políticos como figura emblemática de campanha. Seu aspecto tradicional de santo, ou seu aspecto de santo tradicional, impressionava.

Aspectos religiosos à parte, muita coisa de fato mudou, evoluiu. Mas, no fundo, a pedagogia, nem tanto.

Há um conhecido apresentador de telejornal, antitabagista ferrenho, que combate assim os fumantes: – Continue fumando, fume, fume, até morrer de fumar!

Fumar seria o pecado e ser acometido de males causados pelo fumo seria o inferno. Sinceramente, não sei se esse tipo de advertência funciona.

Uma personagem de Clarice Lispector indaga: “Você sabe que a pessoa pode encalhar numa palavra e perder anos de vida?” Pode ser “fumar”, “beber”, “emagrecer”, palavras, de certa forma, paralisantes, que só fazem encalhar o nosso barco da vida, quando “navegar é preciso”.

Para começo de conversa, da mesma maneira como não se deve identificar traficante com dependente, parece-me que existem dois tipos de viciados: o assumido e o “enrustido”.

Para o primeiro, quanto mais se fala, mais ele se consolida no vício. Para o segundo, esse tipo de advertência soa como um libelo à sua condição de viciado e vencido, da qual deseja se livrar, tenta, mas não consegue, e carrega dentro de si um sentimento de culpa. Uma propaganda dos cigarros Free diz com propriedade: “Me ame ou me odeie. Mais ou menos é que incomoda.” É que o vício, no viciado enrustido (aquele que ainda quer, ou já quer, se livrar do vício e não consegue), padece do paradoxo de um ser indesejável mas sempre desejado. Mais ou menos como ideologia e poder, quando alguém sente que conquistou o poder graças a uma ideologia renovadora e, uma vez no poder, apega-se ao espaço com unhas e dentes, mas sua consciência, ainda não cauterizada, diz que ele está indo longe demais, virando ditador, isto é, já dita-dor aos outros. A consciência ainda diz que não ou que basta, mas o poder, sempre gostoso, aliciante, sedutor, diz que sim. A ideologia ainda diz que não, a vitaliciedade, pelo mecanismo psicológico de autodefesa, justifica: – Afinal, sou insubstituível e, se eu abrir mão, eu não, meu partido (quando não partido único) vai para o beleléu. Tenho, pois, que continuar “para o bem de todos”, e, se preciso, farei uso do argumento baculino (em latim até é bonito: “ad baculum”, mas na verdade será mesmo na porrada, na repressão). Para o viciado no poder, ideologia já era. Lições acadêmicas do passado devem ser esquecidas. Cessa tudo que a antiga musa cantava... No Brasil, então, esse procedimento é tradicional, desde o início, passando pelo Estado Novo de Getúlio

Vargas e pela trajetória de Prestes. O nazismo de Getúlio entregou Olga, o comunismo de Prestes assassinou esposas que poderiam deter informações que comprometessem o avanço da militância. Hitler promoveu o holocausto; Stalin, os goulags. Mas, voltando à comparação: o vício seria como o poder instalado; a vontade de parar, na realidade frágil e débil, seria a ideologia, que então fica em segundo plano toda vez que, operacionalmente, ameace o poder já conquistado.

É evidente que, de qualquer maneira, não se deve fumar, sobretudo em determinados lugares, como em recintos públicos, nos ônibus, etc., independentemente de leis proibitivas, que aliás não faltam no Brasil, como se tivessem o condão de, por virtude própria, mudar a realidade. Veja-se a seguir:

#### **LEI ESTADUAL (MG) N.º 9.731, DE 9 DE DEZEMBRO DE 1988:**

“Art. 1.º Fica proibido fumar em recintos fechados públicos, assim entendidos os locais de trabalho, centros de lazer, saúde, educação e similares.”

*Minas Gerais, 10 dez. 1988.*

#### **LEI ESTADUAL (MG) N.º 12.171, DE 31 DE MAIO DE 1996:**

“Art. 1.º Fica proibido a venda de cigarro e bebida alcoólica nas escolas públicas de 1.º e 2.º Graus da rede estadual de ensino e nas conveniadas.

Parágrafo único. Inclui-se no disposto neste artigo a proibição da venda durante festa realizada nas dependências das escolas, qualquer que seja o promotor do evento.”

*Minas Gerais, 1.º jun. 1996.*

#### **LEI N.º 9.294, DE 15 DE JULHO DE 1996:**

“Art. 2.º É proibido o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou de qualquer outro produto fumífero, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo, privado ou público, salvo em área destinada exclusivamente a esse fim, devidamente isolada e com arejamento conveniente.

§ 1.º - Incluem-se nas disposições deste artigo as repartições públicas, os hospitais e postos de saúde, as salas de aula, as bibliotecas, os recintos de trabalho coletivo e as salas de teatro e cinema.”

*Diário Oficial*, Brasília, 16-07-96 - Seção I, p. 13074.

### **DECRETO N.º 2.018, DE 1.º DE OUTUBRO DE 1996:**

Art. 4.º Nos hospitais, postos de saúde, bibliotecas, salas de aula, teatro, cinema e nas repartições públicas federais somente será permitido fumar se houver áreas ao ar livre ou recinto destinado unicamente ao uso de produtos fumígenos.

(...)

Art 6.º A inobservância do disposto neste Decreto sujeita o usuário de produtos fumígenos a advertência e, em caso de recalcitrância, sua retirada do recinto por responsável pelo mesmo, sem prejuízo das sanções previstas na legislação local.”

*Diário Oficial*, Brasília, 02-10-96 - Seção I, p. 19707.

### **LEI ESTADUAL (MG) N.º 12.903, DE 23 DE JUNHO DE 1998:**

Define medidas para combater o tabagismo no Estado e proíbe o uso do cigarro e similares nos locais que menciona.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º O Estado adotará medidas educativas e restritivas, com vistas a combater a prática do tabagismo em seu território.

Art. 2.º As medidas educativas objetivam esclarecer a população acerca dos males causados pelo tabagismo, compreendendo, entre outras:

I - a promoção de campanhas nas escolas estaduais;

II - a afixação de avisos, placas ou cartazes nos locais especificados nesta Lei.

Art. 3.º Fica proibida a prática de tabagismo em recinto fechado de repartição pública e de escola, hospital, posto de saúde ou centro de lazer de responsabilidade do Estado.

Parágrafo único. A proibição de que trata este artigo abrange os atos de acender, conduzir acesos ou fumar cigarro, cigarrilha, charuto, cachimbo ou similar.

Art. 4.º Nos estabelecimentos aos quais se aplica esta Lei é obrigatória a afixação e a manutenção, em locais de fácil visibilidade, de avisos, placas ou cartazes alusivos à proibição do tabagismo.

Parágrafo único. Os estabelecimentos referidos no *caput* disporão de salas reservadas ou corredores com janelas, onde será permitida a prática dos atos definidos no parágrafo único do artigo 3.º.

Art. 5.º O titular de cargo de direção, chefia, coordenação, ou equivalente, dos estabelecimentos referidos no art. 4.º zelará pelo cumprimento do disposto nesta Lei.

§ 1.º Ao constatar a infração, o servidor referido no *caput* advertirá o infrator, solicitando-lhe que se dirija aos locais mencionados no parágrafo único do artigo 4.º desta Lei, podendo determinar que se retire do estabelecimento, caso persista na infração.

§ 2.º Em se tratando de ocupante de cargo, emprego ou função públicos, a reincidência sujeitará o infrator a:

I - advertência escrita

II - multa, no valor de 245 UFIRs (duzentas e quarenta e cinco Unidades Fiscais de Referência), acrescida de metade desse valor a cada nova ocorrência, sempre garantida a defesa prévia.

Art. 6.º Os recursos provenientes da aplicação da multa de que trata o artigo 5.º serão utilizados na promoção das medidas educativas previstas no artigo 2.º desta Lei.

Art. 7.º A proibição da prática do tabagismo, nos termos desta Lei, estende-se a centros comerciais e supermercados.

Art. 8.º O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de 90 (noventa) dias contados da data de sua publicação.

Art. 9.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10 Revogam-se as disposições em contrário, especialmente a Lei n.º 9.731, de 9 de dezembro de 1988.

Dada no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 23 de junho de 1998.

Eduardo Azeredo

Álvaro Brandão de Azeredo

Wilmar de Oliveira Filho

João Batista dos Mares Guia

Arésio A. de Almeida Damasco e Silva

*Minas Gerais*; Diário do Executivo, 24-06-98. p. 1.

Em *Metamorfoses*, uma das obras mais importantes da cultura do Ocidente europeu, seu autor, o romano Públio Ovídio Nasão (43 a.C.-17 A. D.), descreve, poeticamente, as transformações pelas quais as pessoas e coisas teriam passado desde o princípio do mundo até o seu tempo. E já naquele tempo, e de maneira magistral, Ovídio expressa todos esses sentimentos que experimentamos diante da mudança, da evolução, da renovação ou da repetição, enfim diante do nascimento e da morte.

Para se ilustrar a posição dos viciados, lembrar-se-ia, então, o conhecido verso de Ovídio (*Metamorfoses*, VII, 20), nas palavras de Medéia: “Video meliora proboque, deteriora sequor.” Esse verso é citado por vários clássicos, entre eles, F. Bacon, Spinoza, Locke. Vejo o que é melhor e aprovo, e sigo o que é pior. Ou, na versão de Cláudio Manuel da Costa, de Vila Rica, Inconfidente (“Prólogo ao Leitor”, in *Obras*): “É infelicidade, que haja de confessar que vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução.” Fonte original e contextual do verso ovidiano é a fala de Medéia: “Sim, compreendo quais males farei, mas minhas paixões são mais fortes do que minha decisão; são elas as causas dos maiores males dos mortais.” (Eurípedes, *Medéia*, linhas 1078-80). Trata-se do problema clássico da *akrazía*, fraqueza de vontade.

É do grande São Paulo, na Carta aos Romanos (7, 15), o desabafo: – Eu não entendo o que eu faço; não faço o bem que desejo, mas o mal que não quero e aborreço, isso é o que eu faço.

Há turistas ou peregrinos que viajam à Índia ou a Santiago de Compostela, na Galiza (Espanha), em busca de si mesmos, tentando evitar, após a morte, o epitáfio cunhado por Fernando Pessoa: “Fui o que não sou”. Valéry se assustava ao perceber que aquilo que sabemos pode acabar por se opor ao que somos. Vale dizer: poder nem sempre é querer. Isso de dizer que

querer é poder, é relativo, é mais uma frase de impacto, que funciona como estímulo. Santo Agostinho (354-430) definiu o homem como vontade (“homines sunt voluntates”), mas força de vontade depende de uma motivação muito forte, de uma autêntica metanóia, bem como do desprendimento de algumas amarras psicofisiológicas (dependência física, por exemplo), cujo desatamento às vezes até depende de um tratamento especial. Senhor e vítima de seus atos, o homem assim dividido é, hoje, objeto e sujeito da psicanálise. O poder pode querer. Mas entre o querer e o poder existe uma fossa: “between thought and action falls the shadow...” (T.S. Eliot)

Drauzio Varella, em seu livro *Estação Carandiru*, no capítulo “Na piolhagem”, conta que presidiários acometidos de tuberculose eram proibidos por ele, na condição de médico, de jogar fumaça nos pulmões, viesse ela de maconha, cigarro ou *crack*. E não havia problema em fazê-los entender, continua Varella, que a fumaça é prejudicial aos pulmões inflamados. Nas semanas seguintes, quando lhes perguntava se haviam parado, a maioria, declara o autor, tinha abandonado a maconha e mesmo o *crack*, mas o cigarro não. Tantos foram os casos que o médico se convenceu de que a nicotina é a substância que mais dependência química provoca.

Freud não conseguiu sobrepor-se ao prazer de fumar charutos, apesar de submeter-se, ele próprio, a auto-análise e de estar consciente dos efeitos nocivos desse hábito e do posterior câncer na boca.

O inferno está cheio de boas intenções. O provérbio foi atribuído a São Bernardo por São Francisco de Sales: “Le proverbe tiré de notre saint Bernard, ‘L’ enfer est plein de bonnes volontés ou désirs’” (Carta 74).

Afinal, motivação é a prevalência de um motivo sobre outro ou outros. Somente a partir do momento em que me conscientizo de que fumar é bom, não fumar é melhor, é possível o processo de transição, no caso, ou de realização de um projeto. De acordo com uma expressão popular corrente em Portugal, o que não quero é o que não posso; o que não posso é o que não quero.

Neste mundo vivem-se vários mundos. E é muito difícil, do “nosso mundo”, compreender outros mundos. Um rico não sabe o que é o mundo da pobreza, um cidadão livre não sabe o que ser escravo ou ser presidiário. Uma pessoa tímida não sabe o que é destemor. Pessoas de iniciativa, empreendedoras, verberam os acomodados. Um alcoólatra se pergunta como pode alguém viver sem ingerir bebida alcoólica. O abstinente, por sua vez, não entende a necessidade que alguém tem de beber até se embriagar. Quem habitualmente faz uso de drogas (é difícil não fazer uso de drogas senão habitualmente), nem vislumbra outro mundo. Quem é magro e esbelto não imagina o que é ter complexo de obesidade.

Daí não se conclui que o vício não deva ser combatido. A questão continua como combatê-lo. Seria demais propor, ainda hoje, a pedagogia de Santo Agostinho: odiar o pecado e amar o pecador? Mas, aí entram os radicais e intolerantes. Os métodos inquisitoriais, disfarçados ou não, jamais caíram de moda. Até mesmo a defesa do meio ambiente, a par de ecologistas competentes, criteriosos e sensatos, conta com os “eco-chatos”, petulantes e implicantes. No plano político não é raro um esquerdista, de ontem, descansar hoje, instalado no poder e refestelado de mordomias, por eleição, reeleição ou imposição, e dizer, com desfaçatez, que não disse o que antes dissera, ou dizer que não faz o que os outros já fizeram, quando está na cara que está fazendo. Os

privilégios sempre são defendidos em nome da lei, não importando seu caráter de lei privada. Leo Buscaglia conta, num de seus livros, que, viajando de avião, o passageiro ao lado comentou com ele que, se pudesse, mandaria enforcar todos os fumantes do mundo. Buscaglia redarguiu que conhecia muito fumante “gente boa”.

Sem dúvida, vício é vício, e incomoda tanto os viciados não-assumidos como os não viciados. Entretanto, parece que, quanto à maneira de combater os chamados vícios, do ponto de vista pedagógico, melhor fora mostrar os aspectos positivos da virtude, ou seja, do hábito oposto ao contraído pelo não viciado. É claro que virtude não é deixar de fazer, mas, no caso, o deixar de praticar o vício poderia abrir espaços para a prática de outros valores. Pedro Bloch escreveu, sob o título “Receita de vida” (revista *Manchete*, 12 nov. 1966): “Não nadar em piscina quando se tem mar à frente. Não salvar peixe no balde, mas devolvê-lo ao mar.” (...) “Saber que, muitas vezes, nossa jaula somos nós mesmos, que vivemos polindo as grades em vez de libertar-nos.” Em *O Castelo*, Kafka narra a situação da personagem que passa toda a vida inutilmente esperando que a porta do castelo se abra, sem se dar conta de que, na verdade, a porta já lhe estava aberta.

Parece que a expressão “ver navios” surgiu por volta de 1578. Nesse ano, d. Sebastião desaparecia na batalha de Alcácer Quibir. O corpo do monarca nunca foi encontrado. O povo, triste, criou lendas. Uma diz que ele se encantou. Um dia voltaria. Aguardando a volta de Sua Majestade, os portugueses começaram a freqüentar o Alto de Santa Catarina, em Lisboa. Passaram-se dias, anos, décadas. Nada. Por isso ficavam a ver navios. As visagens às vezes nos atraem mais que a realidade. Outras vezes encobrimos a realidade com miragens.

Será que os radicais também não têm outros tipos de “vícios” (leia-se: problemas), que tentam disfarçar combatendo acirradamente os vícios que eles não têm? Pelo menos alguma coisa todos temos em comum: defeitos. – Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra! Para o jornalista Luís Nassif, “Ética não consiste apenas em criticar os vícios de terceiros, mas em se deter na análise dos próprios vícios...”

A saúde física, em si, um alto valor, foi erigido (há muita academia de malhação interessada nisso) em valor supremo. Curioso e paradoxal é que, apesar de se reconhecer esse valor no atual combate ao tabagismo, na prática não se dá o devido valor à vida, tamanha a onda de violência explícita, no trânsito, em assaltos, etc., e de violência camuflada, em decorrência de injustiças sociais. Nas propagandas de preservativos há uma mensagem sub-reptícia: pode-se fazer sexo indiscriminadamente, desde que não se contraia aids (aliás, mais um empréstimo lingüístico norte-americano; se fosse latino, seria “sida”, e nem seria empréstimo). Será que o sexo não faz parte da totalidade do ser humano, não sendo assim unilateral tratá-lo apenas como gozo? “Por que lo llaman amor quando quieren decir sexo?” é o título-pergunta de um filme espanhol (1993). Com a palavra os psicanalistas.

Enfim, tantas são as ambigüidades que não deveria haver espaço para radicalismos e, sim, para compreensão. Contudo, quem não é radical ou extravagante não faz média social. A média aritmética não se aplica nas relações sociais, a não ser como média nas pesquisas de opinião pública. A pessoa “ponderada” nunca se projeta, porque ela não é diferente, nem de direita nem de esquerda, e nem se enquadra necessariamente no politicamente correto, um criativo



eufemismo de modismo. Todo herói do dia-a-dia é apenas um modesto figurante da história. Segundo a irmã Helen Prejean, do filme *Dead Man Walking (Os Últimos Passos de um Homem*, na tradução brasileira):

*“Há duas situações que dão histórias interessantes: quando uma pessoa extraordinária é lançada na banalidade e quando uma pessoa comum se envolve em acontecimentos extraordinários.”*

Ambigüidades. Paradoxos. Pelo menos para alguns, quando se deixa de fumar a sensação é a de perda de um companheiro, de uma companhia que vinha custando caro, mas que, de acordo com a brilhante descrição feita, do Menino do sertão, por Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (7. ed., p. 81):

**“Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido.”**

Pode parecer um desvario buscar uma tal comparação, e em Guimarães Rosa, mas todo vício é, por natureza, um pouco alucinógeno.

Finalmente, já que estamos falando em vício e virtude, é bom lembrar que, salvo engano, a tolerância também pode ser uma virtude...

Ouçamos novamente Pedro Bloch: “Fazer o melhor possível, o resto é problema dos outros.”

Para os antitabagistas declarados, fumar constitui hoje um crime hediondo e inafiançável. Só não é imprescritível porque quem pára de fumar, ao mesmo tempo que deixa de incomodar, também se livra de ser incomodado.

Enfim, combater o bom combate, parafraseando São Paulo, não é açoitar o ar. Além disso, o que hoje é considerado brega, cafona, já foi chique, vendido e transportado, como charme em tragadas cinematográficas, das telas hollywoodianas para as matinês das salas escuras. Fumar era teste de iniciação, passaporte para a vida adulta e valia como credencial de emancipação.

O termo estratégia, de conotação militar, invadiu os arraiais da administração. Também pedagogicamente, estratégia poderia ser uma boa estratégia...